

## Toni Negri - II



Por **MICHAEL LÖWY\***

*Comentário sobre o terceiro volume, recém-publicado, da autobiografia do filósofo italiano*

### Da Genova a domani

*Da Genova a domani. Storia di un comunista* é o terceiro volume da autobiografia de Toni Negri, o filósofo que pagou por suas ideias com longos anos na prisão. Dedicado a Judith (Revel), brilhante acadêmica e sua companheira desde os anos de prisão em Roma, este livro é o relato tanto de sua vida como de sua obra, de 1997 a 2000, ambas iluminadas pela tripla constelação de Spinoza, Comunismo e Operaísmo.

Nos dois primeiros volumes, o autor descreveu seus anos de formação nas fileiras do movimento operaísta na Itália, a ascensão das lutas sociais nos anos 70-80, o aparecimento do terrorismo – ao qual se oporia em vão – sua primeira prisão (quatro anos e meio!), sua eleição, ainda preso, como deputado, e seu exílio em Paris.

Este terceiro volume começa com sua decisão, em 1997, de regressar à Itália, apesar da pena de prisão que o aguardava em seu país, na esperança de que seu regresso suscitasse um debate que conduziria a uma anistia geral para os (milhares de) presos políticos italianos. Foi um ato de coragem e generosidade como raramente se vê... O filósofo foi recebido no aeroporto de Fiumicino por “uma quermesse de policiais, cães e jornalistas” e imediatamente encarcerado na Prisão de Rebibbia em Roma.

O escritor Erri de Luca irá prestar-lhe uma comovente homenagem pública nesta ocasião: “Caro Toni Negri, que preferiu a prisão na Itália às universidades da metade do mundo (...) quero agradecer-lhe antes de tudo pelo seu sacrifício. Você honra um país que se orgulha apenas de exercícios contábeis”.

O sonho de anistia do filósofo otimista revelou-se uma ilusão, e Negri acaba condenado a oito anos e meio de prisão... Mas não se deixa abater, e termina, atrás das grades, a redação do livro *Império* (Record), com seu amigo Michael Hardt. Conhecemos as teses principais – controversas – deste livro: o Império é o mercado capitalista global, que já não reconhece fronteiras nacionais; seu principal adversário não é mais o operário-massa da indústria, mas o trabalhador imaterial, cognitivo, muitas vezes precário, que tem vocação para se tornar hegemônico. O próprio Negri percebeu o otimismo excessivo desta obra, e até pensou em não publicá-la... De fato, teve um grande sucesso, transformando o filósofo encarcerado numa “estrela” internacional. Depois de dois anos, teve direito à liberdade condicional, sob constante vigilância policial, com buscas noturnas em sua casa.

Impedido de desenvolver uma atividade política observou com esperança os acontecimentos na Itália: o movimento “camisas brancas”, e a enorme manifestação antiglobalização em Gênova em 2001 – reprimida em sangue por uma verdadeira guerra de estado contra o movimento social. Apenas em 2003, ele foi finalmente libertado – *é finita la galera!* – após ter cumprido um total de onze anos de prisão. Decepcionado pelo recuo das lutas na Itália e em conflito com seus antigos seguidores decidiu voltar a Paris e estabelecer-se, com sua companheira Judith, na França.

Tendo finalmente recuperado seu passaporte, ele agora poderia viajar, um velho sonho que se realizava. Fará muitas viagens à América Latina, especialmente ao Brasil e à Venezuela, “mais para aprender do que para falar de mim”. Hugo Chavez prestou-lhe homenagem como um dos inspiradores, pelo seu livro sobre o poder constituinte, da Revolução Bolivariana. Também será convidado à China, onde terá uma (decepcionante) reunião com representantes do Comité Central do PCC. Embora admire o impressionante pós-modernismo de Xangai, ele não deixa de pensar que “o Termidor do PCC desenvolveu o capitalismo antes de desenvolver a democracia”...

Em 2004, é publicado seu segundo livro com Michael Hardt, *Multidão* (Record), que também provocará muitos debates e polêmicas. Francis Fukuyama apressa-se a proclamar que a multidão de que fala Negri é “uma horda bárbara que quer destruir o mundo civilizado”... O significado do conceito, de origem espinozista, não é fácil de apreender: ora é unicamente a categoria de trabalhadores cognitivos-precários, ora o conjunto dos trabalhadores, materiais e imateriais, mulheres, raças oprimidas. Aos olhos de Negri, a multidão é a nova forma que assume o operariado, é a universalização da *Italian Theory* dos anos 1960-70.

Hostil a todas as formas de nacionalismo, Negri afirma orgulhosamente: “eu nunca me desviei do internacionalismo na minha vida de comunista”. Isto levou-o a depositar muita esperança na Europa, ao ponto de se juntar ao “Sim” no referendo francês sobre a nova Constituição (neoliberal) da Europa, em 2005. Mas era necessário participar de um encontro pelo “Sim” na companhia de Julien Dray e Daniel Cohn-Bendit? “Isto é algo que os meus amigos da esquerda nunca me perdoaram”...

## Commonwealth

Foi neste contexto que ele escreveu um panfleto, *Adeus, Sr. Socialismo* (Ambar), que ele próprio rejeitou, posteriormente, como “triste” – a crítica mais dura, em seu vocabulário espinozista... Mas em 2009 apareceu outra grande obra com Michel Hardt, *Commonwealth [Bem-estar comum]* (Record), denunciada pelo *Wall Street Journal* como *a dark, evil book*. Esta teoria do *comum* é, para eles, uma “ontologia marxiana da revolução”, e um primeiro passo para um programa político da multidão. Ele vê no movimento italiano em defesa da água como um *bem comum*, um exemplo notável desta *Commonwealth*. Como os anteriores, este livro teria muito sucesso, mas o ano de 2010 é, para Negri, um *annus horribilis*: seus amigos e discípulos italianos, organizados no movimento *Uninomade*, decidem excluí-lo, e tentam uma aproximação “oportunista e cínica” com... Danny Cohn-Bendit e os Verdes alemães.

Em agosto de 2013, Negri comemora seu 80º aniversário. Este otimista obstinado reconhece que o comunismo ainda não conseguiu vencer, mas deseja que a geração mais jovem cumpra esta missão, e deseja-lhes *buona fortuna!*

## De Senectute

A última parte do livro intitula-se *De Senectute (Da velhice)*. É uma espécie de reflexão filosófica sobre sua experiência como comunista inspirada por Spinoza, Marx e os pós-estruturalistas franceses (Deleuze-Guattari, Foucault) e hostil a Rousseau, Hegel e à Escola de Frankfurt. Contra a melancolia e o pessimismo desta última – uma espécie de pólo negativo para Negri – ele proclama, com Espinoza, a força da *Hilaritas*, o poder libertador do riso e da espontaneidade, sem os quais a revolução não consegue respirar.

A idade avançada não impede Negri de pensar e escrever: seu mais recente livro com Michel Hardt, *Assembly* (2017), proclama a superioridade dos movimentos sociais sobre os partidos, e da democracia direta sobre a democracia representativa. A organização por excelência desta forma de exercício democrático é a *assembleia*. Para passar das organizações locais à escala regional, de um país ou de um continente, Negri e Hardt propõem estruturas federativas e “assembleias de assembleias”. Mas como constituir tais estruturas sem uma forma qualquer de *representação*?

Como partidário (crítico) da Escola de Frankfurt, estou longe de compartilhar as opções filosóficas de Toni Negri. Mas, na minha opinião, o principal problema do livro – e da maioria dos escritos deste grande pensador de nosso tempo – é a ausência de uma reflexão mais profunda sobre a *crise ecológica*. Ele a percebe como uma “dificuldade insuperável”, e faz alguns questionamentos: devo fazer ato de contrição por não ter compreendido que a crise ecológica estava levando a humanidade à catástrofe?

Ele se lembra de conversas com seu amigo Guattari sobre ecologia, e se pergunta se os jovens que o acusam – ele e sua geração de militantes marxistas – de serem prisioneiros de uma ideologia produtivista estão certos ou não. Estas perguntas (sem resposta) ocupam três das 432 páginas do livro... Felizmente, as questões ecológicas e as mudanças climáticas estão um pouco mais presentes neste seu último livro, *Assembly*.

Num *post-scriptum* bastante... melancólico, intitulado “Páscoa de 2020”, Negri conclui: fomos derrotados – *il combustibile si è esaurito*. Ele constata que os trabalhadores, como classe, estão divididos e relativamente impotentes. Contudo, ele não renuncia à resistência e à luta: na crise, devemos encerrar a era dos sectarismos e das divisões. A palavra de ordem do presente é: “Todos juntos”! Como horizonte, a *Internacional dos Trabalhadores Comunistas*. Estas são as últimas palavras desta obra fascinante.

\***Michael Löwy** é diretor de pesquisas do *Centre National de la Recherche Scientifique* (França), Autor, entre outros livros, de *Walter Benjamin: aviso de incêndio*(*Boitempo*).

Tradução: **Fernando Lima das Neves**.

Para ler o comentário do volume anterior acesse <https://aterraeredonda.com.br/toni-negri/>

## Referência

---

Toni Negri. *Da Genova a domani. Storia di un comunista. A cura di Girolamo de Michele*. Milano, Ponte alle Grazie, 2020, 442 págs.